

# JORNAL DOS DEBATES

## POLITICOS E LITTERARIOS DE 1838.

Publica-se regularmente por Semana ás Quintas feiras. Subscrive-se n'esta Typographia a 1.500 per Trimestre, pagos adianta dos.

RIO DE JANEIRO — TYPOGRAPHIA DE L. A. BURGAIN — RUA D'ALFANDEGA N. 131.

### INTERIOR.

#### POLITICA.

Até aqui temos apresentado os meios de governo que julgamos adaptados e próprios a reabilitar a moral no Brasil. As reformas da *legislação penal*, da *instrução publica*, e a *moralidade dos empregados*, são os tres principaes meios de que deve lançar mão o governo, para se sustentar no poder, e ao mesmo tempo firmar a ordem social, e o futuro do paiz.

Passando agora a outra ordem de idéas, chegámos á politica fundamental, á politica relativa á nossa forma de governo. Esboçemos, portanto, algumas considerações sobre o sistema de principios políticos que predomina no Brasil.

A ordem moral e a ordem physica compoem-se de uma serie eterna e infinita de ações e reacções. E parece haver nisto uma lei da Providencia Divina, que faz com que não possam os principios governar o mundo, senão depois de serem uns pelos outros modificados.

Ainda hontem, durante a regencia do Sr. Diogo Antonio Feijó, tendia-se a sacrificar a monarchia á democracia; e hoje a tendencia é inteiramente oposta; stigmatiza-se a monarchia americana do escriptor para sempre illustre da *Aurora Fluminense*, publica-se solemnemente a monarchia forte.

E nós tambem, nós queremos a Monarchia forte, porém forte pelo seu acordo com os sentimentos da civilisação moderna, forte pela sua harmonia com o espírito, as reminiscencias, e destinos da população, forte, emfim, segundo a constituição e o acto addicional.

As formas gothicas da realesa da media idade e do direito\* divino só teriam no Brasil o desastroso resultado de comprometter a monarchia constitucional, em vez de firma-la no coração dos povos.

Um passado, ainda recente, um passado tão cheio de acontecimentos, tão prenhe de factos, nos apresenta uteis lições, que passaremos em silencio,

para não avivar recordações tão dolorosas e tão funebres.

A realesa representativa é a formula a mais verídica e mais resumida de todas as theories que tendem á civilizar as Nações; é a ultima expressão da intelligencia e dos trabalhos humanos; é o eclectismo o mais rascavel, applicado ao governo, e á organisação das sociedades.

Mas, para que ella seja real, e para que possa fazer a ventura dos povos, é de mister que cada elemento social seja admittido em justas proporções na organisação política; é indispensavel que não sejam sacrificados uns aos outros. Todo o governo que menospresa o elemento democratico em proveito da realesa, ou esta em proveito da democracia, mutila e falsifica a monarchia constitucional, e dá origem a um terrível conflito entre os dous partidos, conflito que costuma terminar ou pela queda da realesa, ou pela perda da liberdade.

A natureza especial de cada paiz marca e decide a proporção em que devém entrar estes dous principios, sem que isto dependa ou das paixões dos governos, ou dos caprichos das facções populares.

Por mil diversas circunstâncias, por diferentes acasos, o elemento popular hoje no Brasil é um facto imenso, é a sociedade inteira, já não aspira a ser contado na organisação da sociedade, mas governa por si só. A constituição do Brasil foi admiravelmente feita, por isso que ella comprehendeu esse facto em toda a sua extensão.

Houve em 1828 e 1829 um ministerio que tentou sacrificar o povo á realesa; dous annos depois foi a questão debatida com as armas, e decidida pela revolução de 7 de Abril de 1831, cujos efeitos se sentem ainda hoje, e se estenderão no futuro.

Depois, governosse apresentaram com idéas oppostas; mas, era impossivel levá-las avante, impossivel era faze-las triunfar. Veio o dia 19 de Setembro de 1836, e os actos do actual governo vão decidir a questão.

Entre o progresso e o regresso, palavras representantes dos dous sistemas que se debatem, o Jornal dos Debates

de 1838 não pode ter escolha. Ambos estão longe da verdade, ambos são falsos e ferteis em terríveis consequências; ambos exprimem necessidades irregulares que não devem nem podem ser as do Brasil.

O Brasil não quer de novo despenhar-se pelo declive das revoluções, mas, ao mesmo tempo, não quer regresso.

Taes são os principios do *Jornal dos Debates* de 1838 a este respeito. O redactor, com coragem e resignação, se compromete pela sua defesa, e deseja vê-los seguidos pelo governo e pelos partidos.

#### DISCUSSAO POLITICA.

Logo que os redactores do *Correio Official*, e do *Chôrônista*, refutando as nossas opiniões, negaram a existencia da crise terrivel em que se acha o Brasil e que havíamos esboçado no nosso 1. numero d'este anno, tencionámos sustentar as nossas idéas e continuar a polemica; eis que nos veio ás mãos o seguinte comunicado de um nosso correspondente, que, adoptando todas as nossas idéas, melhor do que nós o poderíamos faser, responde aos periodicos acima mencionados, com aquella eloquencia nobre, franca e verdadeira, que requer um assumpto tão grave, e de tanto peso.

#### COMMUNICADO.

##### AO CORREIO OFICIAL E AO CHRONISTA.

Biente à qui peut chanter pendant que l'ame brûle,  
S'il n'a l'âme et la lyre et les yeux de Nérô.  
(De LAMARTINE.)

Nas epochas de decadencia e de desordem, o fundo dos corações oferecem bem singulares diferenças de um individuo a outro! Uns, com a alma serrada de tristes presentimentos, arredam-se da carreira para deixar passar a torrente das misérias! outros, em pequeno numero, lançam-se diante d'ella, são arrastrados e submersos; o grande numero, vendo amontoar-se as nuvens, limitam-se a precanções egoistas contra o naufragio; alguns, emfim, solistas e interessados, para quem Deus, o universo, e a sociedade resumem-se no ouro, depois de o ter contado, exclamam. — Existimos no melhor des mundos possíveis; tudo vai ás mil

maravilhas; o negrume da tempestade é aurora de um bello dia; o estampido do raião é a harmonia da natureza. — O que deve-se responder a semelhantes sofistas? Qual é o meio de convencê-los de que fora da esfera dos seus interesses individuais ha interesses geraes em perigo? Esse meio não existe, o escriptor deve desistir de procurá-lo: para aquelles que se interessam em descobrir a verdade, nenhuma demonstração é possível.

Entretanto, apesar dos hymnos entoados pela folha *Official* e o *Chronista*, á presente ordem de cousas, nem por isso deixa o Brasil de achar-se no scio de uma crise immensa. Assinalando-a com toda a energia, o escriptor consciente não pode com justica incorrer na censura da imprensa ministerial: sim, elle nada mais faz do que elevar um phôro bem luminoso sobre o topo do escolho, afim de marcar o perigo; faz uma obra de patriotismo, para que todos curem de remover a iminencia dos males publicos. Se alguém merece censura, são aqueles que procuram embair-se a si mesmos, embair o publico, que dissimulam-lhe a gravidade da situação das cousas, que o embalam no berço da mentira.

A nossa sociedade não assenta-se hoje sobre a base do elemento religioso, moral, politico, industrial; vive no ar, aberta, e desmantelada de todos os lados; a desordem material é a consequencia d'este estado moral, que condaz o Brasil à sua total dissolução. Eis-aqui o que afirmou o redactor do *Jornal dos Debates*; eis aqui o que deviam contestar o *Chronista* e a folha *Official*, caso fossem sinceramente de um sentimento opposto. Mas, em vez de postar-se neste ponto da grande questão, as duas folhas *Officiaes* vão comparar o presente estado do Brasil com as crises da Independencia, e de 7 de Abril de 1831.

É falso, visivelmente falso, que a crise da Independencia fosse mais grave que a actual. Nós eramos então um povo de paixões virgens; os costumes e tendencias publicas erão admiraveis; ainda não havíamos respirado o ar abrasador das revoluções; o terremoto ainda não vacillava sob nossos passos; um mesmo pensamento animava todas as almas, e fisia hater todos os corações; a causa da liberdade nascente dispunha aos sacrifícios a grande maioria dos cidadãos; era uma d'essas epochas nobres e desinteressadas, que se não produssem duas veces na vida de um povo. Havia dissidencias, haviam resistencias, umas obscuras, outras sobre o campo da batalha, e á face do Sol: mas o que podiam elas em presença d'esta disposição moral do paiz! Que homens era-mos nós então, e que homens somos hoje! D'outro lado, Portugal se nos apresentava em um estado bem diferente d'aquelle em que os seus grandes homens dictavam leis nas becas do Indo e do Ganges; uma pálida reminiscencia da antiga gloria adquirida na carreira dos combates era a herança unica que esta nação conservava em seu eclipse.

Assim tambem nunca emancipação politica foi menos, destruidora mais uniforme em seus principios, mais decisiva em seus resultados que a do Brasil: a revolução feita nos espíritos reproduzia-se solemnemente na ordem dos factos, moderada, patriótica, e por consequencia irresistivel. Com a independencia terminava-se a innocencia e fresquidão do painel; adeos tempos de abnegação

individual, de civismo, de interesse pela causa publica; adeos crenças grandes, fortes e justas, que unicas podeis dar duração, progresso e prosperidade á sociedade dos homens! A nova era, que começa, oferece um movimento critico, o qual dura até o momento, em que traçamos estas linhas: o nosso estado presente é filho do passado, é o producto acumulado de uma longa serie de forças desorganizadoras. Não deve-se quebrar a cadea dos acontecimentos, não deve-se suppôr que tenham havido no Brasil crises e revoluções diversas. Não; a revolução é uma, e a mesma; ella começa depois da independencia, continua ainda; a geração que a sandou, ao entrar na carreira da vida, não verá talvez o seu termo. Diversas tem sido as scenas, diversos os actores, mas o drama é o mesmo. Entre 1789 e 1815 houveram em França diferentes revoluções? Não; uma só, que principia junto do cada-falso do neto de S. Luiz, e vai ultimarse nos rochedos solitarios de Santa Helena.

A revolução inglesa, que precipita o imperio dos quatro *Stuarts*, estende-se de 1603 a 1688. A nossa comprehende já o periodo de 15 annos, periodo muito longo para a nossa existencia de um dia, periodo muito curto para a Providencia, que trabalha com vagar sobre a vasta tela da eternidade.

Durante este espaço, que doloroso espectáculo tem offerecido o Brasil! É um povo que procura constituir-se, mas obstaculos sem numero surgem de todos os lados, e o impedem de colher o fructo das suas esperanças. Que assombrosa instabilidade nas cousas, nos principios, e nos homens! A hora, que corre, accusa a hora precedente; sobre as ruinas do idolo de hoje levanta-se o do dia d'amanhã, que pela sua vez será sacrificada á outros ídolos igualmente ephemeros; uma semana basta para converter o symbolo de paz em symbolo de guerra; todos os objectos vaccilão, a vista obscurece-se em contemplar este quadro maledicão.

Ministerios e poderes permanentes são arrastrados pelo mesmo turbilhão; todos são impotentes a dar uma solução a grande crise social. Pedro I inscreve precipitadamente o seu nome nos fastos de dois povos, e desaparece; a noticia publicada á porta do seu palacio não detém, nem surprehende o passageiro. Que tinham que lamentar os povos! A regencia teimava, a regencia de um só apareceu sucessivamente sobre a cena; a impotencia de governar é sempre a mesma; a revolução segue o seu curso; a crise aggrava-se de dia em dia; todas as instituições são ineficazes para garantir o bem; a discordia civil dilacerá uma por uma as províncias do Imperio. O movimento popular de 1831 e os outros parciais, que o precederam e sucederam, são expressões diferentes de um mesmo facto, são episódios da revolução geral, profunda, radical, que trabalha o Brasil desde 15 annos. Quaes são as causas d'esta triste filiação dos acontecimentos? Procure-se umas na consciencia da geração actual, e outras n'esse fatalismo inexorável da Providencia: o destino humano tem duas faces, uma contingente e visível, outra necessaria e mysteriosa. Mas seja o que for, a posição presente do Brasil é sobremeneira critica, como resultado final de todas as causas de composição em actividade permanente desde a nossa política emancipação. Nós vivemos nos tempos do *Baixo-Imperio*,

ou nos da França de Luiz XV. Pode uma nação subsistir regularmente na ausencia das verdades religiosas, moraes, politicas e industriais?... Não, elas sao os laços, a base e o fundamento das sociedades humanas. O scepticismo, o desânimo, a indiferença para o verdadeiro, o justo e o santo; a concen-tração do espirito nos abyssos do egoísmo, a incuria do porvir, são symptomas precur-sores de grandes mudanças, de grandes desordens.

Nós não exageramos cosa alguma; vemos o porvir atravez do presente; tiramos as verdadeiras, ainda que amargas, inducções do estado moral do paiz, o que alias cada um pode verificar, por pouco que se applique a lançar os olhos em torno de si. Qual deve ser a conducta dos homens honestos no seio d'estas dolorosas circunstancias? Proclamar verdades e principios de reforma e de regeneração, e isto unicamente para satisfazer os deveres do patriotismo, para ter a consciencia em paz, e a fronte serena. Que se no meio d'estes esforços a tempestade nos vier surprchender, não nós deixemos acuarvar, engrandeçamos pelo contrario o nosso pensamento, abramos o coração a outras esperanças: « As sociedades humanas, disse o veneravel *Royer-Collard*, nascem, vivem e morrem sobre a terra; ali ultimam-se seus destinos. Mas nós, pessoas individuais e identicas, verdadeiros seres dotados de immortalidade, temos outro destino, que não tem os estados. A sociedade não absorve o homem todo inteiro, resta-lhe a mais nobre parte de si mesmo, essas altas faculdades pelas quaes eleva-se a Deus, a uma vida futura, ábens desconhecidos, em um mundo invisivel. ! X. X.

## VARIÉDADES.

— A exclusão do medico de semana no jantar de S. M. I. continua a ser o objecto de todas as conversações. Pessoas ha que afirmam ser o governo causa d'esta exclusão, e esta circunstancia faz vacilar o credito do governo. Quando sentaram-se á mesa do principe tantas pessoas, que pouco ou nem um merito tinham, porque se havia de excluir pessoas illustradas, e tão dignas como os medicos? O *Jornal dos Debates* depõra tal occorrência, por isso que ella faz perder bastante força moral ao governo; é necessario, portanto, que o *Correio Official* explique, se houve ou não interferencia do governo n'este negocio, para que com conhecimento de facto possamos fallar.

— Corre por certo que morreu o Sr. P. José Custodio Dias, senador do imperio.

— Nós não cremos que Brasileiro algum, serio, decente, e que saiba apreciar os deveres da hospitalidade para com um estrangeiro illustre, possa applaudir ás grosseiras façecias com que acolheu o *Chronista* a presença do principe de Joinville no nosso paiz. Ficariamos contente, se algum redactor governista de Paris lançasse o ridiculo sobre o imperador do Brasil, ou alguma de suas A. irmãs, se acaso fossem viajar áquella nação? Certamente que não. Seria portanto bom que o *Chronista* com as suas

vais não tendesse a dar uma desfavorável idéa da polidez dos nossos hábitos e civilização.

— O *Modestus*, título que tomou o autor de algumas cartas que tem aparecido endereçadas ao regente interino, censura acrimoniamente a existência do Sr. R. Torres no ministério da marinha. As razões em que se funda o *Modestus* são mais especiosas do que justas e verdadeiras, por isso que o Sr. R. Torres, ainda que não seja marinheiro, tem mostrado por três véses bastante talentos práticos, e uma capacidade administrativa, que não seria fácil achar-se entre os mais distintos oficiais da nossa marinha.

#### RESPOSTA AS CORRESPONDENCIAS SOBRE O SR. MOUTINHO.

Já que o Sr. Muzzi continua a molestá-la paciencia do público desta capital com correspondências encomendadas, em favor do Sr. Moutinho, ensuando ao mesmo tempo a pessoa que elle não conhece, somos forçados a dar publicidade a este ofício dirigido ao Sr. Moutinho, e cuja cópia foi remetida ao governo, o qual contém a narração do caso acontecido na legação de Paris, e do procedimento escandaloso daquelle nosso representante em uma das primeiras cortes da Europa. O Sr. Moutinho não pode dar um desmentimento a este ofício, a elle mesmo dirigido, nem negar outros muitos factos, que lancam uma vergonha eterna sobre elle, e sobre o Brasil. Desta vez, transcrevemos so este ofício. Se nos forçarem, daremos publicidade a outros documentos, echaremos para a cena a certo sujeito, que dirige o fogo por detrás dos bastidores.

III. e Ex. Senhor.

No dia 30 do mês proximo passado, havendo recebido do secretario interino d'esta legação a notificação de que V. Ex. me suspendeu do exercício de minhas funções, grande foi o assombro que causou-me, e naturalmente devia causar-me uma tal notificação, visto que V. Ex. . ou o secretario por ordem sua, me não haviam já feito observação de género algum acerca do cumprimento dos meus deveres, e que, por outro lado, não tinha por isso nem a mais leve desconfiança de haver commetido faltas no serviço nacional. O meu assombro foi tanto maior, quanto, antes d'esta violenta medida contra mim, nem uma inquirição, nem uma explicação, nem uma informação, por V. Ex. pedida, havia tido lugar; nunca V. Ex. de mim exigiu as razões porque fizera o serviço público de uma maneira, e não de outra, e nem acerca d'ellas informou-se um só instante do secretario,

sob cuja inspecção o regulamento poz os officiaes. Eu me achava, portanto, e continuo a achar-me na ignorância completa dos motivos que poderam dar origem á minha suspensão, d'ella resultando o caso singular que, quando cuidava ter direito a todos os elogios, pelo punctual desempenho das minhas funções n'esta legação, recebi pelo contrario aquella notificação. Nestas circunstancias, apressei-me em dirigir-me a V. Ex., e das explicações verbais que deo-me, tornou-me misteriosas as causas da medida, de tal sorte que d'ellas deprehendo que V. Ex. mesmo ainda não havia tido tempo de achar uma causa susceptível de ser convenientemente exhibida. Ora, a suspensão de um empregado, sendo uma medida fora do ordinário, e de natureza a comprometter-lhe o credito, deve de necessidade repousar sobre motivos graves e graves faltas dos empregados. Então, a raso, a justiça, o respeito que a mim mesmo devo, e ao governo imperial, me impunham, ao mesmo tempo, o dever e a necessidade de esmerilhar as causas da suspensão, assim de poder justificar-me perante o governo imperial, visto que nunca V. Ex. exigira de mim justificação alguma, e isto contra os principios da justiça a mais ordinaria, porque todo o acto pode ser justo ou criminoso, segundo a natureza dos motivos d'onde a origem tira. Em consequencia d'isto, a V. Ex. pedi, pelo ofício datado de 4 d'ó corrente, respeitosamente, que houvesse por bem fazer-me conhecer as causas da medida que contra mim tomara, para que, por ignorancia d'ellas, o meu direito sagrado de justificação se não tornasse nullo de facto.

Em resposta ao meu ofício, V. Ex. fez-me a honra de responder que — não tinha que dar contas dos motivos que teve para suspender-me senão ao governo imperial, e que já m'os exprimira boicalmente. Peço a V. Ex. que me permitta, no interesse da justiça e dos meus direitos, insistir na exigencia de uma declaração regular e formal dos motivos, porque é contra a verdade dos factos que V. Ex. m'os exprimisse, tendo-se unicamente limitado a observações ambíguas e vagas nas explicações vocais que deu-me, no momento em que lhe pedi o passaporte para regressar ao meu paiz, caso V. Ex. houvesse permanecido na intenção de suspender-me o ordenado, e de expôr-me d'esta arte a todos os horrores das privações. Dizia-se que V. Ex. me suspendeu por haver eu omitido o registo de uma carta particular, que junta a varios papeis officiaes viera para a secretaria. Na dita entrevista que tive com V. Ex., a propósito do passaporte, sigo que lhe o quão incrivel e absurda era semelhante suposição, e V. Ex., ao travez da caleulada ambiguidade dos termos, pareceu con-

vir comigo na exactidão do conceito que d'ella fizera. E com effeito, eu não podia, não devia, por proprio respeito e consideração a V. Ex., aceitar como verídica uma tal causa. Deixando de registar a carta, cumprí strictamente as ordens expressas e reiteradas que, pelo orgão do secretario, V. Ex. havia dado recentemente aos officiaes; e nem na secretaria havia livro algum para o registo d'ella, como o pode certificar o secretario e todos os outros empregados. Isto affirmo com tanta maior seguridade, quanto V. Ex. está certo de que nunca os officiaes se recusaram a trabalhos particulares seus, e nem mesmo áquelles um tanto abaixo da sua posição, como por exemplo o inventario da mobília de V. Ex., que durante semanas absorveu o trabalho em uma das mesas da secretaria, e comissões particulares; o proprio secretario prestou numerosos serviços de redacção em negócios individuaes de V. Ex., e para não recordar senão um, me servirei da longa nota do Duque de Broglie para defendê-lo das notícias affrontosas que lhe endereçara este ministro, afim de forçá-lo a pagar umas dívidas ao senhorio do Hotel. Disse que não devia reputar verídica aquella suposição por respeito mesmo a V. Ex. e eis aqui a raso: ordenar que se não registe certos papeis, e logo depois accusar-me sem informação alguma previa, de haver eu observado as ordens religiosamente, seria uma flagrante cilada, que faria suppor da parte de V. Ex., ou um d'esses maus sentimentos de vendetta, que sacrificam os meios aos fins ou hábitos de discordia e de vertiginosos caprichos, que condemnam hoje aquillo que hontem solemnemente ordenaram, sacrificando nestas rápidas transições aquelli que as não podiam advinhar por boa fé e confiança na verdade. Com quanto não seja a minha suspensão o primeiro acto extraordinário, por V. Ex. praticado n'estes ultimos tempos, sem causa alguma equivalente, e que já douze meses antes, na impossibilidade de suspender o addido — consul geral, Francisco de Paula Ferreira de Amorim, o houvesse V. Ex. desafiado a esse duello de pistola, que desgracadamente tão terrivel e estrondosa sensação produziu geralmente em Paris contra esta legação, todavia querer presumir que, no caso actual, eu houvesse dito, sem o saber, motivos a suspensão. Mas, na impotencia de descobri-los, e devendo ao mesmo tempo dirigir-me ao governo imperial, assim de apresentar-lhe a minha justificação, sou obrigado a de novo pedir a V. Ex. que se digne motivar minha suspensão. V. Ex. perfeitamente concebe que, tendo de accusar-me ao governo, para legitimar o passo que contra mim deu, a justiça requer, que eu tambem perante elle me justifique, o que de modo algum poderei fazer, se por ventura persistir V. Ex.,

No sistema de negar-me o conhecimento da verdadeira causa da minha suspensão. Requerendo isto, eu me fundo no direito o mais evidente, direito, diante o qual recua até o mandarino nas nações barbarescas. Tomo a liberdade de lembrar-lhe que toda a suspensão deve por sua natureza ser motivada, visto que supõe uma acusação, e compromete o crédito do empregado, e nisto differe ella da demissão, a qual nenhuma significação tendo para a honra do empregado, não pode ser motivada. Quão triste e precaria não seria a posição do empregado se, milhares de leguas distante do governo que o nomea, podesse ser acusado e suspenso ao livre arbitrio de seus chefes, sem que estes nem ao menos lhe declarassem suas faltas, podendo ser muitas vezes supostas, e deste modo tirando-lhe o direito de defesa e de justificação. Espero, por tanto, que V. Ex. haja de acqüiescer a esta reiterada reclamação. Deos Guarde a V. Ex. Paris, 5 de Maio de 1836.

III<sup>o</sup>. e Ex<sup>o</sup>. Sr. Luiz Moutinho de Lima Alvarés e Silva.

Assignedo — Domingos José Gonçalves de Magalhães.

#### COMMUNICADO.

#### O RECOLHIMENTO DAS ORFAS

DO RIO DE JANEIRO.

To think and to work is to live.  
(ZARHMAN.)

Ao terminar-se um dos dias collidíssimos de janeiro, Eduardo se dirigia ao morro do Castello, para ali gozar da frescura da tarde, dos encantos da solidão, e entregar-se a esses extasis melancólicos em que se embebe e se deleita uma alma sensível, que de contínuo corre apoz desse lusido fantasma a quem chamamos — felicidade.

Não tardou a oferecer-se aos seus olhos o modesto frontispício da Misericordia, e seu coração entristeceu-se à vista deste benficiente asilo, receptáculo de todas as misérias, onde a humanidade disputa à morte um som numero de victimas. Parece, com efeito, que a esperança deve abandonar o desgraçado, quando penetra debaixo desta abobeda sombria, donde pôde avistar o lugar tristonho onde talvez em breve achará eterno descanço... .

Mas, se o espectáculo dos males de seus semelhantes comoveu Eduardo, o aspecto do Recolhimento das Orfãs, contíguo à Misericordia, despertou em elle emoções não menos profundas. (a)

(a) Em frente da Misericordia está edificada uma casa, com roda de expostos, onde são acolhidas as crianças enfeitadas. Deve-se este tão útil estabelecimento a Romão de Matos Duarte, que o fundou em dezesseis de janeiro de mil sete centos e trinta e oito. O Governo, por varias vezes, concedeu não pequenas quantias para a sua sustentação, e entre outros benfeiteiros, o caritativo Ignacio da Silva Meneses o dotou com uma quarta parte do rendimento de suas propriedades. Nos tempos que precederam esta instituição, era tal o desamparo a que estavam

Em mil sete centos e trinta e nove, alguns benemeritos cidadãos fundaram este estabelecimento, onde são recolhidas e educadas as meninas a quem os pais deshumanos abandonaram às portas da vida.

Mascarenhas, Guadalupe, Lima Medella, Francisco dos Santos, magnanimos benfeiteiros da humanidade, quanto desejaria ver vossos nomes insculpidos na frente desse pio monumento que levantastes! Porque não descancam as vossas cinzas no seu recinto, no meio dessas virgens timidas que vossa caridade arrancou à miseria? Ai! em quanto crimes espantosos se transmitem à mais remota posteridade, deixa a historia em esquecimento homens cujos benefícios duram além dos séculos!

Estes pensamentos ocupavam o espírito d'Eduardo, quando foi distraído pelo canto mavioso de huma jovem, cuja voz se unia aos sons harmoniosos de um piano.

Volvem os olhos, e n'uma casa proxima, cujas janelas todas estavam abertas, via uma companhia numerosa, que parecia animada da mais viva alegria. Logo se suspendeu o canto, e duas donzellras executaram uma dessas danças voluptuosas originarias da Espanha, e nas quais as Brasileiras ostentam uma graça indizivel.

Eduardo ao contempla-las recordou-se da gentil Esmeralda, dessa sibila brilhante da imaginação, que Victor Hugo revestiu de tantos encantos. Seus pés apenas tocavam no chão; à ligeireza dos movimentos, à rapidez dos passos, succediam requiebros encantadores. As mesas de jogo estavam desertas, as conversações interrompidas, e todos os assistentes, sentados em circulo, admiravam as formosas bailarinas.

E era um espectáculo verdadeiramente interessante o ver esses dous entes ephemeros e brilhantes, embriagados de incenso, esquecidos do passado, não cuidosos do futuro, entregando-se ao prazer com todo o ardor da mocidade! Os semblantes alegres dos convidados, os cantos joyaes, o estrondo dos instrumentos, tudo isto contrastava fortemente com o silêncio que reinava no Recolhimento das Orfãs. A travez das grades das janelas, via-se algumas vezes o semblante pálido e melancólico de uma joven cujos olhos fitos no firmamento, nelle pareciam procurar um porvir de felicidade que já não esperava achar sobre a terra.

Eduardo, em extremo comovido, em si mesmo dizia — Que diferença! Em quanto uma mocidade jovial e brilhante passa dias sempre assignalados por novos prazeres, essas tristes orfãs, victimas de preocupações barbares, affastadas do mundo que as esquece, gastam os annos na solidão. Não ha para elles lindos passeios, festejos brilhantes, versos namorados; as vozes sonorosas da orchestra nunca delicitam seus sentidos; um suspiro, um olhar terno, uma palavra de amor nunca fez palpitar seus corações. Sua infancia ignorou os affagos maternos, e seus labios soltam com fria indiferença os suavissimos nomes de irmão e irmã... Ah! quantas não haverá que, passando desconhecidas ness-

redutidos os miserios ingéitados, que alguns amnheceram dilacerados pelos cães e animaes inóndios. Isto mesmo lamento el rei D. Pedro Segundo, n'uma carta datada de vinte e um de dezembro de mil seis centos e noventa e dous, dirigida a Antonio Paes de Sampaio, na qual lhe recomienda tome todas as providencias a respeito.

ta vida, envelheceram e morreram entre estes mesmos muros, que lhes serviram de berço, de prisão e de sepultura!. (b)

Porém, quais serão os castigos que a Providencia aguarda à mai desnaturalizada que arranca sua filha de seu peito e a abandona à mãos estranhas, votando-a ao opprobrio e à disgraca.... ella a quem cumpria velar junto ao seu berço, guiar seus passos nas difíceis veredas da vida, enxugar suas lagrimas, tudo sacrificar por sua ventura.... Oh! seja amaldiçoadas na terra, no céo e na eternidade! Dilacerada por tardios remorsos, possa horríveis visões assilgur-lhe sempre sua filha, infeliz, desamparada, expirando na primavera de seus annos, e clamando por sua mai nos arrancos extremos .... E quando, entregue à desesperação, implorar os soccorros de seus semelhantes, encontre sómente peitos sem piedade, já que piedade não tiverá para o fructo de suas entranhas!

Os derradeiros raios do sol ainda douram os cumes verdenegros dos montes, em quanto o horizonte oriental pouco a pouco se escurecia, e o crepusculo, precursor da noite, derramava sobre a terra suas desmaiadas luzes. Algumas estrelas mais apressadas já scintilavam no asul do firmamento; e uma doce viração, refrescando a atmosphera abrasada, também contribuia para a bellesa da tarde.

Estava Eduardo abysmado n'un mar de pensamentos tristes, apenas perturbado pelos gritos e risos que de vez em quando partiam do lugar da reunião, quando o sino da igreja fez retumbar sons pesados e gemedores, vozes que pareciam de morte — talvez anunciando que uma das infelizes reclusas estava enfim livre de uma existencia insupportável, que havia trocado um sepulcro de pedra por um sepulcro de terra....

Eduardo accordou sobressaltado, contemplou ainda algum tempo o Recolhimento; e, afastando-se com passo vagoroso, encaminhou-se para a subida que conduz ao Castello.

L. A. BURGAIN.

(b) Talvez a alguém extrahe o nome de — prisão — que damos ao Recolhimento das Orfãs; mas ouro não merece, pois que as meninas que n'elle se acolhem não podem sahir, senão para cahir nos braços de algum individuo que não conhecem, que nunca viram. Admira que entre tantos homens que colham no poder, nenhum ouve que se lembresse de melhorar este estabelecimento, que tanto honra os seus fundadores. Qual foi o fim que se propuseram? — Tirar da miseria as meninas abandonadas, instrui-las na nossa religião, orar o seu espírito e dar-lhes o amor do trabalho, afim de que um dia venham a ser boas esposas e mães, assim contribuam para o augumento e prospéritade da nação. Mas como se poderá este ultimo ponto conseguir, se se conservam em perpetuo clausura? Como se ascenderá n'un momento este amor que deve fazer suaves os laços que prendem os esposos? Quem quererá casar com uma moça a quem via apenas uma vez, no dia de S. Isabel, na igreja, e a travez de uma grade? — Sonente algum individuo rustico, e talvez debochado, que, com a mira no dote, toma uma mulher com cajo character não poderá sympathizar, e quem fará desgraçala. E o que as mais das vezes acontece. E não poderiam as orfãs, sem faltar à moralidade nem ao seu decoro, assistirem aos officios, em lugar separado do publico, porém em vista; içem no passeio, acompanhadas por mulheres idosas e respeitáveis?

Estamos persuadidos de que se assim se praticasse, os casamentos de orfãs seriam mais numerosos, e sobre-tudo mais felizes.